

VIENT DE PARAÍTRE

"ORPHEU"

Revista trimestral de literatura — Directores: Luiz de Montalvor e Ronald de Carvalho — Editor: Antonio Ferro — Ano I: 1915 — N.º 1 — Janeiro — Fevereiro — Março.

Afirma Luiz de Montalvor na sua Introdução que «a fotografia de geração, raça ou meio, com o seu mundo imediato de exibição a que frequentemente se chama literatura e é sumo do que para ai se intitula revista, com a variedade a inferiorisar pela igualdade de assuntos (artigo, secção ou momentos) qualquer tentativa de arte — deixa de existir no texto preocupado de Orpheu.»

Uma grande obra, com efeito, se propõe erguer esse grupo gentil de inteligencias, que não pretende Forma mas pretende Essencia, que não anseia Altura mas que busca Motivo e Côr.

Adivinha se em toda aquela Realisação o Verbo ignorado e obscuro duma Sinceridade!

Não ha linhas de Colorido nem perfumes de Violeta a engrinaldar em Destaque esse Mundo que se pretende sentir para viver depois!

Pretende-se apenas construir um altar de alabastro ao fundo duma nave inconstruida de preces recurvadas. Ergue-se esboçadamente já o portico do

Templo, gotico astral de Curvas e de Incenso, para nele se resar em Oiro e Longe as orações que a Arte resa em Luar a Nossa Senhora da Beleza.

Tão pouco e tanto!

Orpheu é no seu conjuncto uma psicologia doente mas bela. A Alma passa em delirios de febre... e canta... e sonha visionando mundos...

Mario de Sá-Carneiro o poeta dos mistérios desconjunctados, honra em portões doirados as primeiras paginas de Orpheu dando-nos alguns dos seus poemas dos Indícios de Oiro ainda ineditos.

Timbrando Fins de Imperio, Pantheons, Gumes e Espadas, perpassam fibras de Opio em pedrarias velhas, caminhos de Além-Alma em panos do Egipto.

Ha toda uma seusação de Côr e de Perfume a desnudar o corpo do Ideal dando uma forma incompleta mas perfeita...

Duas poesias, 16 e 7, terá o leitor ocasião de apreciar em outras colunas do presente numero...

O poeta brasileiro Ronald de Carvalho canta-nos novas extranhesas liricas em impressões de luzes velhas e fins de Ontono.

Na sua poesia, *O Elogio dos Repuxos* curva-se ante nós a impressão luminiscente de fontes irisadas em uoites de Lua e Sonho... Quando, tangendo diz:

Volupia de fugir — ser longe e ser distancia, e tornar logo ao cais e de novo partir!
Volupia — desejar e não possuir, ser ansia...
Repuxos a descer, repuxos a subir...

vai tão allo visionando a Côr no intermedio do Ideal que nos esquecemos da Vida para reconhecemos apenas a Maneira de ser do Inconcebido!

Fernando Pessoa oferece em *Orpheu* a Carlos Franco o seu drama estatico em um acto *O Marinheiro*.

Que enormidade de desprendimento e de incerteza!

Que grandeza vive a Alma para sonhar em Além-Deus!

Uma historia, que, se terminasse, seria um sacrificio do seu proprio termo.

Para quê saber o Após se o Antes nos esquece e o Presente é Mentiroso!

E' preciso viver? — Pois bem! Sonhemos que viveremos, que a Vida terá patria para viver melhor!...

Cançasso de Côr... e transparencia de Nuine.

Quando escreve:

— Não valeria então a pena fecharmos no sonho e esquecer a vida para que a morte nos esquecesse?...

— Não minha irmã, nada vale a pena... ha tanta grandeza e tanta sinceridade que é mesquinho o mundo com toda a sua Natureza, perante uma paisagem da Alma tão sentida e grande!

Dos sonhos de Alfredo Pedro Guisado leia o leitor o *Ante-Deus* que transcre-

"Terra e Deusa" fomal de Estremoz 21 de Abril 1915

vo em outro logar.

Ansia e Orgulho! Pode-se ir mais longe?

Essa enorme estranheza, doentia mesmo, é uma arte bem mais difícil do que a de definir a Simplicidade!

O poeta da *Distância* vive numa outra vida mais verdadeira e mais santa, e os seus versos são Alma em seu olhar ansioso!

Transparencia de Deus tudo é capricho em longes Côres...

... E a sua Dôr de ser-se é infinita... O desenhador *José de Almada Negreiros* dá-nos uns *Frisos* que sendo prosas são poemas em traços de carvão...

Na pouca pretensão da Forma vive a sua maior beleza.

Cortes Rodrigues, mostra-nos em cinco dos seus poemas, toda essa leve e distante transparencia desse infinito morbido de Si.

Conciso na forma, profundo na Essencia escreve consciencioso e sem "blague".

A sua poesia *Outro* porventura a maior de todas elas; sem Côr, vive desse proprio descolorido.

Que estranha beleza!

O pensador *Fernando Pessoa* publica-nos duas poesias futuristas de *Alvaro de Campos*: *Opiario* e *Ode Triunfal*.

Destramelhados angulos esféricos por curvas quebradas em mistérios de *Seres*; interminaveis sonolencias fantasticas de Vida; dôr morta em Alma sonambólica de movimento oposto, numa vã horizontalidade destimbrada e sem resistencia...

Velocidade! Velocidade!

Não se pode criticar... sente se... caminha-se ao lado da obra... e vai-se aceleradamente em busca do Novo!

Futurismo! Futurismo!

Timbres metallicos ressoam Alma, e passam zig-zagueantes em vais-vens oscilantes, em correrias endoidecidas na marcha incomparavelmente bela da civilização moderna!

Não fazer nada é a minha perdição!

Pois quê? Para onde vai a imagem humana presente?

Pois quê? Não é todo esse movimento aceleradamente forte, a realização de Além da paralisação momentanea da energia fisica?

Alvaro de Campos na sua ansia louca vai tão longe que se esquece de pensar porque é que pensa, olhando só toda essa brusca sensibilidade que vibra de sentimento! Desprende-se de si e pára; oscila como as engrenagens das maquinas que o rodeiam quando laqueios folgas ou parafusos perdidos, ruem ruivamente na Côr da sua obra!

Leia-se:

O' rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em uria!
Em furia fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervôs dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Veja se tambem esse depreendimento tão grande com que *Alvaro de Campos* encara a sua propria psicologia:

Os inglezes são feitos pra existir
Não ha gente como esta pra estar feita
Com a Tranquilidade. A gente deita
Um vintem e sai um deles a sorrir.

Pertenço a um genero de portuguezes
Que depois de estar a India descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes...

Foi esta revista de literatura que a critica de Lisboa, conscienciosa creio, apelidou de "falha de razão", "desconexa", "imperfeita", e "sem verdade", em todos os seus periodicos, justamente, talvez, porque ninguem conseguiu compreende-la.

Um verdadeiro sucesso!

Lisboa, 6-3-915.

Fernando Carvalho Morão.

"Pena e obra" (em L. M. G. S. S.)
15-11-1915

